

A CASA DE FOROS DE SALVATERRA

A casa que neste número damos a conhecer representou um papel especial na minha carreira de Arquitecto.

O projecto data de 1990 e a obra foi concluída em 1992.

Até então eu tinha trabalhado principalmente em gabinetes de projecto de grandes empresas, participando na concepção de coisas supostamente “grandiosas” – grandes empreendimentos imobiliários, concursos de obras públicas fantásticas – e estava então muito empenhado na concepção de soluções de habitação para realojamento de populações a viverem em prédios degradados e barracas, (à época alvo de particular atenção dos sucessivos governos), entusiasmado com a ideia algo inocente de que conseguiríamos, de facto, mudar as coisas.

Bom, não há dúvida que muito se fez. E muito embora grande parte das soluções não sejam as mais correctas, vistas à luz da experiência, e tendo hoje outros conhecimentos, foi o que se pode fazer e ninguém poderá negar que, nestes aspectos, e apesar do que ainda há para corrigir, as coisas mudaram bastante nas nossas cidades.

Claro que hoje já sabemos que não deveremos construir “ghetos” identificáveis ou catalogáveis pelo nível económico das suas populações (bairros para rendimentos até “x” ou a partir de “y”), mas disseminar as populações na amálgama da urbe, misturá-las, dotá-las da proximidade das necessidades básicas – o comércio de bairro, os equipamentos ou os transportes públicos, etc. ... E deveríamos estar a fazer muito mais do que fazemos, nesse sentido, aproveitando e recuperando o grande número de casas devolutas e em grande parte degradadas das áreas centrais das cidades, “matando dois coelhos de uma cajadada só” como se diz mais popularmente.

Isto tudo veio “a talhe de foice”, porque ao relembrar a época da obra da casa de Salvaterra de Magos era inevitável recordar também essas aventuras e esses desafios da construção de habitação a preços reduzidos que, ainda hoje, se revelam pertinentes ou actuais.

Este projecto constituiu, assim, um contraponto a esse outro universo desta nossa actividade das arquitecturas e foi uma das primeiras obras em que, com relativa liberdade (e digo relativa porque há sempre algumas concessões inevitáveis - e não me venham dizer que não há, porque não acredito), pude desenvolver ideias que há muito me vinham alimentando o espírito, relacionadas com a retoma dos valores da Tradição e da História no processo do projecto de Arquitectura.

Além disso, era possível projectar com outro ritmo, com outro tempo, com mais ponderação, trabalhando mais directamente com o cliente, envolvendo-o no processo criativo. Estou certo de que este reconhecerá que o que fizemos cumpriu em larga medida com a sua vontade.

O desenho da casa foi sendo apurado, assim, neste processo, inspirado nos modelos tradicionais da região – O Ribatejo – mais concretamente nas casas agrícolas (chamemos-lhes solares, embora esse termo possa não ser o mais adequado uma vez

que se aplica mais às grandes casas senhoriais do norte do país) e, neste processo, havia uma sintonia perfeita na concepção que se ia elaborando dos espaços, dos volumes ou dos detalhes da casa. Houve até um cuidado muito especial na escolha de certos elementos decorativos – azulejos, balaustradas e outros – em que as referências do Dono da Casa eram muito definidas e se nalguns casos foi possível adoptá-los e integrá-los no conjunto de forma perfeita, noutros houve que procurar alternativas e “negociar” um pouco a escolha final. Foi um processo bastante agradável, até porque é sempre mais fácil quando o nosso cliente – como é o caso – é uma pessoa civilizada e com gosto.

Isto mesmo tendo em conta que se hoje ainda é difícil construir arquitectura tradicional em Portugal sem ser alvo de pareceres ignorantes ou indeferimentos abusivos e prepotentes, imagine-se o que seria há 15 anos atrás. De facto, ainda hoje, e apesar das evidências, se continua a confundir este tipo de arquitectura – profundamente ecológica e respeitadora dos valores da identidade cultural de um povo -, com “pastiches” e outros disparates, numa ilusão ou visão da produção de arquitectura em que cada novo projecto tem que ser em estilo acabado de inventar e nunca inspirado noutros, anteriores, correndo o risco de fazer assim um “pastiche” - o que não deixa de ser uma visão curiosa.

O projecto que desenvolvemos previa a possibilidade da área de terreno ir sendo alargada no tempo, acentuando ou completando eixos visuais e de percursos, conferindo sentido a algumas soluções que, espartilhadas na área então disponível, poderiam não resultar tão bem.

Concebeu-se uma “alameda” ou um caminho ladeado de laranjeiras que, a partir do típico portão de quinta ribatejano, conduz à entrada principal da casa, ou melhor, ao pátio onde esta se situa. Este pátio, acessível através de um grande arco aberto num muro de enquadramento, era definido assim, também, pela casa principal, por um fontanário e por um “casão” ou construção de grandes dimensões e de volume muito simples que serve para guarda de alfaias agrícolas e, neste caso, também, para o estacionamento de veículos automóveis e equipamentos de serviço do conjunto.

Deste pátio assim perfeitamente delimitado e enquadrado, entramos então na casa que se desenvolve em “L”, com dois pisos no corpo voltado ao pátio e com um só, térreo, no outro corpo, este voltado a uma área mais resguardada, íntima, do terreno, na qual existe um tanque. Esta área mais recatada do terreno é a que designamos por “jardim” e encontra-se delimitada não só pelo “L” da casa, mas também pelo espaldar do mencionado tanque e por uma pérgola que se construiu mais tarde.

Para este jardim abrem as salas da casa, uma destas com uma arcada ou galeria de permeio, proporcionando sombra e espaço de abrigo exterior, fresco, para os dias mais quentes. Estas salas são amplas e todas possuem lareira – uma delas de dimensões muito generosas, adoptando o modelo característico de regiões mais a Sul cuja influência, aqui, é já claramente expressa em tantas casas deste tipo. Junto à sala de jantar, situa-se a cozinha que, assim próxima e directamente acessível pelo jardim, torna mais cómoda a utilização deste espaço nos dias em que apetece estar lá fora.

Os quartos situam-se na sua maioria no 1º andar, à excepção de alguns, destinados aos amigos e às visitas, que se situam no prolongamento do corpo da sala de estar, possuindo assim total independência em relação ao resto da casa.

Todo o conjunto obedece a um desenho de inspiração tradicional que os materiais utilizados completam – as madeiras, a pedra em cantarias, os paramentos lisos pintados nas cores características da região, o ferro, os telhados de telha cerâmica, de barro vermelho, formando beirados “à portuguesa”, as calçadas de vidro nos pátios e nos caminhos, os azulejos nos espaldares do fontanário e do tanque – tudo contribui (e nada é ao acaso) para a harmonia que o conjunto oferece e que hoje o tempo acentuou, conferindo-lhe já alguma maturidade e “gravitas”.

Falta apenas construir o pavilhão de caça (uma das actividades preferidas do Dono da Casa), que constituirá o remate do eixo que começa no portão exterior e atravessa o pátio, terminando provisoriamente no fontanário que, nessa altura, passará a ficar adossado à fachada desta construção.

O sítio onde a casa se situa mudou bastante desde a época da sua construção até agora, o que se faz por lá nas redondezas nem sempre é muito bom, mas sei que em boa parte do que se faz ou do que pretende fazer, esta casa constitui uma referência pela positiva e isso, por si só, é recompensa bastante para o trabalho que tão apaixonadamente desenvolvemos.

José Baganha